



Na ordenha. Cuidados para evitar contaminação com bactérias no leite ou alto índice de células somáticas começam na propriedade rural

Este ano, Centro-Sul terá de se adequar à IN 62

Prazo para que produtores reduzam aos limites máximos a contagem de CCS e CBT termina no dia 30 de junho

FERNANDA YONEYA

Este ano os produtores do Sul, Sudeste e Centro-Oeste terão de se adequar ao que é considerada a “última etapa” da Instrução Normativa 62, que prevê a adoção de parâmetros de qualidade para o leite brasileiro, relativos à contagem máxima de células somáticas (CCS) e de bactérias no leite (CBT). A chamada IN 62 substituiu outra instrução normativa, a 51, de 2005, que, inicialmente, previa que até 2011 fossem cumpridas as regras relativas à qualidade da matéria-prima fornecida à indústria. Os parâmetros exigidos pela IN 51, entretanto, e seu prazo máximo para cumprimento foram considerados inviáveis pelo setor. Assim, foi editada a IN 62, que estabeleceu 2016 como limite para que pecuaristas do Centro-Sul se adequassem aos novos parâmetros (veja tabela). No ano que vem, a IN passa a vigorar também no Norte e Nordeste.

“Vale lembrar, porém, que esse processo de adoção de parâmetros para a qualidade do leite não é algo que surgiu de repente e, agora, os produtores terão de se adequar. Desde a IN 51 já se vão praticamente dez anos de trabalho”, afirma o gerente técnico da Clínica do Leite, Laerte Dagher Cassoli.

A Clínica do Leite, vinculada ao Departamento de Zootecnia da Esalq/USP, auxilia, entre outras atribuições, produtores e indústria a aumentar a qualidade do leite por meio de análises, treinamento e pesquisas. A instituição acompanha cerca de 45 mil fazendas em Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Paraná e Mato Grosso do Sul. Esse universo abrange cerca de 25% do leite produzido no País. Desses 25%, a clínica calcula que metade esteja em fase de adequação aos parâmetros da IN 62.

Já o Conselho Brasileiro de Qualidade do Leite (CBQL) tem uma visão otimista da IN 62 para o setor neste ano “decisivo”. “As implicações



(da IN) são positivas, pois, para melhorar a qualidade do leite brasileiro, metas ou valores ideais devem ser estabelecidos. Mesmo para os produtores que ainda estão distantes dos valores máximos aceitáveis de CCS e de CBT, pelo menos a IN 62 indica um caminho a ser trilhado”, afirmam o presidente do CBQL, Rodrigo de Almeida, e o vice-presidente do conselho, José Augusto Horst. “Mas, obviamente, essas metas não bastam por si só, pois muito mais relevante é a formação, a conscientização e o treinamento de produtores, empregados e profissionais comprometidos com a qualidade do leite”, dizem.

O Conselho, criado em 2000, promove a pesquisa e a educação relacionadas à qualidade do leite e seus derivados. O órgão divulga e valida novas tecnologias, e é responsável pela difusão de informações para produtores, indústrias, estudantes e profissionais da área. Almeida é professor associado da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Horst é gerente do Programa de Análise de Rebanhos Leiteiros da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa. “Para os rebanhos com CCS e/ou CBT um pouco acima dos valores máximos recomendados, cinco meses são suficientes para que as contagens recuem e fiquem dentro dos valores sugeridos. Mas, obviamente, para a grande maioria que produz leite com CCS e/ou CBT muito altas, cinco meses não são suficientes”, dizem Almeida e Horst.

Na avaliação de Cassoli, da Clínica do Leite, o que falta ainda é definir as consequências para quem não entregar o produto com a qualidade estabelecida. “Isso não está escrito em lugar nenhum e, nesse sentido, não há pressão para quem ultrapassa os limites”, afirma. “O que acontece com um leite que ultrapassa o limite máximo de CBT, por exemplo? Infelizmente, nada. A legislação não prevê. Ou seja, temos os limites de qualidade, um sistema de monitoramento, mas não temos orientação clara de que ação deve ser tomada em caso de “infração”, diz Cassoli.

Atualmente, conforme o gerente da Clínica do Leite, o governo cobra qualidade da indústria, que, por sua vez, repassa a exigência para o produtor. “Hoje, quem atende aos critérios de qualidade da indústria recebe por isso.” Cassoli ressalta que o objetivo, nesse caso, não é punir os

pecuaristas, mas educar e orientar. “Essa definição de consequências teria um caráter inclusivo, não punitivo. Muitas vezes, o produtor tem informação, sabe que tem problemas, mas não consegue fazer sozinho.” Ele destaca que a má qualidade é consequência da má gestão da propriedade. “A qualidade ruim vem de processos ruins. Se o produtor quiser rever sua qualidade terá de rever seus processos”, ressalta o gerente da clínica.

O CBQL concorda com o fato de que é preciso definir “consequências” para quem não se ajustar. Almeida e Horst destacam que a legislação inicial é de 2002 (IN 51). “Ao longo deste período, observamos que houve melhorias significativas com trabalho envolvendo produtores, indústrias e ações governamentais. Por outro lado, sempre tivemos aqueles que nada fizeram, ou fizeram somente o suficiente para se manter dentro do que era solicitado”, dizem. “Assim, novamente, teremos os que já estão dentro dos valores referenciados, os que estarão trabalhando para a melhoria e os que vão aguardar alguma ação de fiscalização. Mas isso não torna inviável a aplicação da IN 62”, ressaltam.

Almeida e Horst acrescentam, porém, que apenas a legislação não resolve. “A partir de julho de 2016, quando nas três regiões citadas a última etapa da IN 62 deverá ser adotada, os produtores que ainda entregarem leite com CCS acima de 400.000 células/ml e/ou CBT acima de 100.000



A qualidade ruim vem de processos ruins. Se o produtor quiser rever sua qualidade terá de rever seus processos”

Laerte Cassoli
Gerente técnico da
Clínica do Leite

Prazos	Índices decrescentes ¹			
	Sul, Sudeste e Centro-Oeste		Norte e Nordeste	
	CBT (UFC/ml) ²	CCS (cs/ml) ³	CBT (UFC/ml)	CCS (cs/ml)
A partir de 1º/7/2008 a 31/12/2011	750.000	750.000	-	-
A partir de 1º/7/2010 a 31/12/2012	-	-	750.000	750.000
A partir de 1º/1/2012 a 30/6/2014	600.000	600.000	-	-
A partir de 1º/1/2013 a 30/6/2015	-	-	600.000	600.000
A partir de 1º/7/2014 a 30/6/2016	300.000	500.000	-	-
A partir de 1º/7/2015 a 30/6/2017	-	-	300.000	500.000
A partir de 1º/7/2016	100.000	400.000	-	-
A partir de 1º/7/2017	-	-	100.000	400.000

(1) Com base nas IN 51 e 62; (2) Contagem Bacteriana Total; (3) Contagem de Células Somáticas. Fonte: Mapa



Análise de leite.

Há amostras de qualidade tanto em pequenas quanto em grandes propriedades. Comprometimento do produtor é o que conta

UFC/ml, continuarão a entregar seu leite aos lactínios, e o produto continuará a ser processado e consumido”, dizem. Para eles, a solução passa mais por adotar sistemas de pagamento de qualidade. “Eles são mais efetivos em aprimorar a matéria-prima do que punir com base na legislação”, acreditam. “Muito simplificada, acreditamos que os bons pecuaristas deveriam ter o

preço de seu leite amplamente bonificado, e os que produzem leite de má qualidade deveriam ter seu leite fortemente penalizado.”

Para os membros do CBQL, qualidade não tem a ver com tamanho ou localização da propriedade. “Ser pequeno ou grande produtor não deveria ser uma desculpa em produzir com qualidade insatisfatória. Encontramos leite de boa qualidade tanto em grandes fazendas, como em pequenos rebanhos. O que há em comum nestas duas fazendas? Pessoas comprometidas”, avaliam.

A contrapartida para o produtor deveria, na visão do Conselho, ser na forma de pagamento com altas bonificações por litro de qualidade entregue, e descontos na qualidade insatisfatória. “Produzir leite de boa qualidade deveria ser o normal, não algo excepcional. Não podemos nos esquecer que na ponta da cadeia dos lácteos temos crianças, adolescentes, idosos, que acreditam estar consumindo um alimento saudável e nutritivo”, dizem Almeida e Horst. “Além disso, enquanto produzirmos com qualidade tão heterogênea, continuaremos a ser importadores líquidos de lácteos o que é no mínimo embaraçoso para um país com o nosso contingente de vacas e tão ampla extensão territorial e disponibilidade de alimentos.” ■

Qualidade melhora rendimentos, diz produtor

Há 20 anos na atividade, o produtor Adriano José Vilas Boas, da Fazenda São Miguel, em Botelhos, Minas Gerais, comprova a tese de que produzir conforme os padrões de qualidade exigidos pela IN 62 se reflete de maneira positiva nos seus rendimentos. Ele conta que, no início de 2015, a CCS na propriedade variava de 600 mil a 700 mil por mililitro de leite, acima do permitido – seu “problema” era com a CCS; a CBT nunca apresentou variações que comprometessem a qualidade. “Na época, lembro que recebia, no mínimo, R\$ 0,02 a menos por litro vendido. Senti, no bolso, como a perda de qualidade afeta a atividade.”

Em março daquele ano, o pecuarista ingressou em um programa realizado em parceria pela Danone e pela Clínica do Leite da Esalq e, em pouco mais de seis meses, conseguiu baixar o índice de CCS para 200 mil. Na época, vigorava o limite de 500 mil. “Foi um sucesso”, lembra Vilas Boas, destacando que sua remuneração, na ocasião, passou de R\$ 0,02 a menos por litro de leite para R\$ 0,06 a mais. “O projeto incluía, basicamente, monitorar o gado, vaca por vaca, e melhorar a rotina de higienização pré e pós-ordenha. Feito isso, detectamos as vacas doentes – como quadros de mastite – e separamos as que tinham cura e as que deveriam ser descartadas”, afirma o produtor, que possui 100 vacas em lactação e produtividade por animal de

22 quilos/dia.

Hoje, segundo ele, se o produtor mantiver um nível de CCS de 400 mil a 500 mil/mililitro, o preço “empata”. “Nem ganha nem perde, por isso é bom trabalhar para baixar esse índice. Aí a gente consegue uma remuneração melhor da indústria”, afirma. Vilas Boas diz, no entanto, que o excesso de chuvas na região tem dificultado o manejo do gado, cujo sistema de criação é semiconfinado e a pasto. “As vacas se alimentam no cocho e seguem para o pasto. Como há uma grande quantidade de barro, tem de redobrar a atenção com a higienização dos tetos e, assim, conseguir manter os níveis de CCS abaixo do limite.” O nível atual, segundo o produtor, é de 300 mil/mililitro de leite.